

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Gustavo Ribeiro Costa da Fonseca

**GEOGRAFICIDADE DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA:
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Rio de Janeiro
2025



Gustavo Ribeiro Costa da Fonseca

**GEOGRAFICIDADE DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA:
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e práticas da Geografia Escolar.

Orientador (a) Professor (a) Dr. Marcus Vinicius Gomes, Dr. Em Geografia.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

F676 Fonseca, Gustavo Ribeiro Costa da
Geograficidade das baterias de escola de samba : uma proposta de
sequência didática / Gustavo Ribeiro Costa da Fonseca. - Rio de Janeiro,
2025.

21 f.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico
(Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio
Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcus Vinicius Gomes.

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Sequência didática. 3. Escolas de
samba - Bateria. 4. Carnaval - Rio de Janeiro (RJ). 5. Território -
Geografia. I. Gomes, Marcus Vinicius. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 910

Gustavo Ribeiro Costa da Fonseca

**GEOGRAFICIDADE DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA:
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia escolar.

Aprovado/Reprovado em: 30/04/2025.

Banca Examinadora:

Professor Dr. Marcus Vinicius Silva Gomes (Orientador)
Colégio Pedro II

Professor Me. Pedro Bernardes Pinheiro
Colégio Pedro II

Professor Dr. Faber Paganoto Araújo
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2025

GEOGRAFICIDADE DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gustavo Ribeiro Costa da Fonseca

Resumo: Este trabalho propõe evidenciar o potencial da Geografia Escolar em integrar temas significativos aos discentes e aos territórios em que vivem. O artigo debate a geografia das baterias das escolas de samba, explorando suas múltiplas possibilidades pedagógicas, o seu objetivo principal é apresentar uma sequência didática voltada para turmas do primeiro ano do Ensino Médio, estruturada em aulas e em um trabalho de campo, a partir da temática "geografia e baterias de escola de samba". A proposta se fundamenta na interpretação das geografias associadas às baterias, mobilizando conceitos como lugar, território/territorialidade e paisagem sonora. A música é abordada como instrumento pedagógico central, enquanto as escolas de samba e suas baterias são reconhecidas em sua dimensão educativa e cultural, especialmente no contexto do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: sequência didática; baterias das escolas de samba; geografia escolar.

THE GEOGRAPHICITY OF SAMBA SCHOOL DRUMLINES: A PROPOSAL FOR A DIDACTIC SEQUENCE

Abstract: This work aims to highlight the potential of School Geography to integrate meaningful themes into students' experiences and the territories in which they live. The article discusses the geography of samba school drum sections ("baterias"), exploring their multiple pedagogical possibilities. Its main objective is to present a didactic sequence aimed at first-year high school students, structured into lessons and a field trip, based on the theme "geography and samba school drum sections." The proposal is grounded in the interpretation of the geographies associated with the drum sections, mobilizing concepts such as place, territory/territoriality, and soundscape. Music is approached as a central pedagogical tool, while samba schools and their drum sections are recognized for their educational and cultural dimensions, especially within the context of Rio de Janeiro.

Keywords: didactic sequence; samba school drum sections; school geography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS DE SAMBA.....	8
3. AS GEOGRAFIAS DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA: UMA RELAÇÃO COM A MÚSICA	10
3.1 CARÁTER IDENTITÁRIO DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA.....	11
4. PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	13
4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

O samba é um ritmo de raízes africanas que carrega características genuínas da cultura popular brasileira. No entanto, embora a temática geral sobre o gênero não seja inédita — tendo sido explorada, ao longo das décadas, por diferentes áreas das Ciências Humanas, por exemplo, através do uso dos sambas de enredo como um importante recurso didático na disciplina de Geografia para alunos do ensino básico, apresentado por Brasil (2021) —, consideramos ser possível o estabelecimento de um recorte específico que nos permita contribuir com o ensino da Geografia Escolar. O que queremos sugerir é que há uma relação didática fecunda entre música e Geografia, e mais especificamente entre o samba e a Geografia, algo capaz de instigar a curiosidade dos estudantes e aproximá-los de questões sociais presentes em seu cotidiano e no de muitos brasileiros.

De modo ainda mais específico, não nos referimos ao samba como gênero musical de massa, mas, sim, às instituições do samba — as escolas de samba — representantes de uma síntese da espacialização do carnaval, dada sua relevância no contexto geográfico local. Para aqueles envolvidos nesse universo, não parece haver mundo globalizado que as desconsidere como elementos centrais na construção do sentimento de pertencimento e identidade com sua escola.

O foco deste trabalho, no entanto, volta-se especialmente para as baterias, consideradas o "coração" das escolas de samba, portadoras de territorialidades muitas vezes invisibilizadas, ou seja, cada bateria carrega uma identidade própria, manifestada em seus ritmos e instrumentos característicos. Propomos uma proposta pedagógica desenvolvida a partir dos conceitos de território (e territorialidade), paisagem — com ênfase na paisagem sonora — e lugar de acordo os estudos com Souza (2013).

Para sermos mais claros, lembremos que, segundo Rogério Haesbaert (2007), em grupos historicamente marginalizados, como os sambistas, o território adquire força à medida que se entrelaça com a identidade. Ou seja, um ritmista da Mocidade Independente de Padre Miguel, situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, não pode executar o mesmo toque de caixa na bateria da Estação Primeira de Mangueira, localizada na Zona Norte, pois cada orquestra possui uma identidade rítmica singular, ainda que ambas participem da mesma festa da cultura popular.

Compreendemos, então, que, tanto em suas vinculações espaciais quanto nas relações de diferenciação que estabelecem — entre outras dimensões possíveis —, as baterias das escolas de samba constituem um objeto de notável riqueza geográfica. Trata-se de um fenômeno que pode ser abordado de maneira complexa e multifacetada pela Geografia e, em especial, pela Geografia Escolar. Aliás, é importante reiterar que a Geografia Escolar pode desempenhar um papel fundamental na construção do conhecimento sobre nossa identidade como cidadãos brasileiros, sobretudo ao evidenciar as ligações territoriais da cultura.

Mesmo que soe digressivo, entendemos que o presente trabalho pode contribuir para a reflexão acerca dos desafios enfrentados pelo magistério nos últimos tempos, especialmente em um contexto em que as novas gerações estão cada vez mais inseridas na chamada “sociedade da informação”. Essa realidade tem gerado relações interpessoais mais superficiais, nas quais as pessoas conhecem menos umas às outras, têm menor vínculo com seus próprios lugares e, conseqüentemente, impõem desafios aos modos de se ensinar Geografia — especialmente quando se busca uma abordagem mais sensível aos territórios, paisagens e lugares com os quais os discentes se associam. (Cruz, 2008).

Diante desse cenário, buscamos lançar luz sobre uma temática de grande relevância, capaz de despertar nos estudantes questionamentos sobre quem somos, onde vivemos e aonde podemos ir. Por meio do samba — e, em especial, das baterias das escolas de samba —

acreditamos que a Geografia pode revelar diferenças identitárias que muitas vezes passam despercebidas.

Em termos de recorte de segmento e série, consideramos esta proposta especialmente importante para estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, pois contribui para um momento de apresentação, reapresentação e/ou aprofundamento dos conceitos fundamentais da ciência geográfica (ao menos em parte importante dos programas curriculares do país, incluindo o do próprio Colégio Pedro II). Ao mesmo tempo, ela explora não apenas a dimensão espacial das baterias das escolas de samba, mas também colabora para o entendimento da dimensão espacial e pedagógica das escolas de samba.

Dessa maneira, esta prática pedagógica pode incluir a realização de uma oficina de percussão, com o objetivo de apresentar as diferentes identidades musicais das baterias das escolas de samba, oferecendo um novo olhar sobre o carnaval — não apenas como festa popular, mas como espaço de formação, memória e ensino. Dessa forma, como **objetivo geral** do trabalho, pretendemos:

- **Debater a geografia das baterias das escolas de samba e algumas de suas múltiplas possibilidades pedagógicas.**

Queremos, com este artigo, destacar as manifestações culturais de certos grupos sociais, evidenciando sua relevância na construção do espaço geográfico, em que se inclui o próprio cotidiano de inúmeros discentes. Com isso, imaginamos que o texto colabore com a mobilização de reflexões geográficas importantes, assim como com a elucidação das desigualdades que estão presentes no espaço. Para alcançar isso, temos como **objetivos específicos**:

- **Propor uma sequência didática, dividida em aulas e um trabalho de campo, que se desenvolva a partir do tema "geografia e baterias de escola de samba".**
- **Discutir de que maneira é possível uma leitura geográfica das escolas de samba a partir das diferenças rítmicas e instrumentais derivadas de suas baterias.**

A escolha dessa proposta está vinculada ao cotidiano e trajetória do autor que sempre se interessou por essa temática. Afinal de contas, entendeu que a Geografia ainda é um fator relevante para escolha da torcida de um indivíduo. Levando em consideração que a maioria das escolas de samba da Região Metropolitana do Rio de Janeiro ficam em espaços periféricos.

O autor, também ritmista, observou durante a sua infância e adolescência que nem toda escola de samba era parecida, apesar de fazer parte de uma mesma cultura carnavalesca. Além das diferentes cores e símbolos do pavilhão, as baterias de escolas de samba apresentam instrumentos e toques que trazem a sua originalidade e identidade únicas proporcionando uma reflexão acerca dos conceitos-chaves da Geografia.

Nos referimos, em primeiro lugar, ao conceito de lugar, por toda a dimensão de afeto e identidade presente em qualquer contexto de baterias de escola de samba. Em segundo lugar, aludimos à paisagem, com destaque para a paisagem sonora, compreendida como uma composição de eventos sonoros — sons localizados no tempo e no espaço — que formam uma ambiência perceptível e significativa (Frias, 2020). Em terceiro lugar, falamos sobre o conceito de território (e territorialidade), uma vez que há vínculos espaciais de grande força que se manifestam nas relações de poder projetadas pelas escolas em seus espaços de origem, e, no caso das baterias, na defesa das execuções dos toques e nos instrumentos originários da escola.

Em uma hipótese, caso um ritmista faça a execução de um outro toque que não seja o daquela escola em que ele desfila, um diretor de bateria prontamente irá corrigi-lo. Então, a partir dos exemplos expostos, acreditamos que o debate sobre as relações territoriais das

baterias de escola de samba pode ser uma grande estratégia para construção de uma prática pedagógica para turmas de primeiro ano do Ensino Médio.

Diante desse cenário, pressupomos a existência de uma geograficidade nas baterias das escolas de samba. Em outras palavras, é possível identificar diferentes geografias expressas nesse coletivo percussivo. Consideramos, portanto, relevante incorporar essa percepção ao ensino de Geografia Escolar, contribuindo para a apresentação dos conceitos-chave da disciplina a partir da valorização das relações espaciais que se manifestam no interior da própria orquestra.

Adicionalmente, ressaltamos que este trabalho está vinculado à Lei 10.639 (Brasil, 2003), por meio da qual evidenciamos o samba — ritmo de raízes africanas e expressão fundamental da cultura popular brasileira — como objeto de valorização e análise no contexto escolar.

Em termos de organização, na primeira parte deste artigo, realizaremos uma breve introdução sobre a dimensão pedagógica das escolas de samba — ou seja, essa que pode ser considerada uma entidade cultural local, onde os saberes são coletivizados e formam legados que atravessam diferentes gerações. Para isso, abordaremos a origem dessas instituições e sua consolidação como espaços de educação não formal, capazes de promover atividades culturais que vão além do calendário oficial do carnaval.

Posteriormente, analisamos a importância da música como instrumento pedagógico, apresentando-a como uma ferramenta que contribui para elucidar e complementar a nossa reflexão. Em seguida, nos aprofundamos nas geografias presentes em uma bateria de escola de samba, discutindo sua organização espacial e algumas diferenças nas execuções dos toques, com o objetivo de evidenciar o caráter identitário desse grupo percussivo.

Na última seção, apresentamos a nossa proposta pedagógica: uma sequência didática voltada aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, que valoriza os conceitos-chave discutidos ao longo do texto, finalizando com uma atividade de trabalho de campo em uma escola de samba.

2. A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS DE SAMBA

Quando pensamos em uma escola de samba, é provável que nos venha à mente a imagem de uma agremiação formada por dezenas de componentes divididos em alas, alegorias e coreografias, que buscam entoar, de forma uníssona, o samba-enredo do ano diante de milhares de espectadores no sambódromo (e por meio dos veículos de comunicação de massa). Na verdade, de acordo Santos (2016), as escolas de samba apresentam características únicas e são instituições complexas que carregam uma dimensão pedagógica. Além disso, ao longo do século XX e início do século XXI podemos observar que diferentes agremiações apresentam alguns regimentos que até hoje são únicos e de caráter identitário que, no presente trabalho, se estabelece através do estudo de maneira mais específica da geograficidade da ala de bateria.

Diante desse aspecto, pensamos ser possível destacar a dimensão pedagógica das escolas de samba (na atualidade). O primeiro aspecto reflete o papel desempenhado por elas como verdadeiros espaços de educação não formal — isto é, espaços que alocam um tipo de ensino e de aprendizagem que não se associa e/ou não se vincula aos contextos formais de ensino (como o sistema escolar formal), mas que, de algum modo, se organiza para a interação social e o compartilhamento de conhecimentos (Gohn, 2016).

Tomamos como exemplo, um indivíduo que vem de uma família sambista frequentadora de determinada escola de samba e que, ao longo dos anos, constrói sua identidade nesse espaço se tornando um dos sujeitos que participa dessa engrenagem, como aconteceu com o próprio

autor desse texto. A participação em uma escola de samba vai muito além do calendário do carnaval, a dinâmica das agremiações ocorre praticamente ao longo de todo o ano, evidenciando seu papel relevante para a comunidade, estabelecendo uma relação de pertencimento e revelando, de forma clara, segundo Souza (2013) uma certa dimensão de lugarização, ou seja, de tornar familiar e dotar de significados a carga afetiva de um espaço em que indivíduos e grupos interagem.

Além disso, a escola de samba, muitas vezes, atua como uma entidade cultural de suma importância, constituindo um espaço de produção social em que, por meio dos eventos e da participação dos indivíduos, o conhecimento e a história local são transmitidos por meio de um legado coletivo¹. Frequentemente, a proximidade espacial do indivíduo com a escola contribui para essa relação, como no caso de um indivíduo nascido e criado no morro da Mangueira que, ao longo de sua vivência na quadra, torna-se um membro pleno daquela comunidade, contribuindo e difundindo as características específicas daquela escola.

O próprio termo “escola” não surgiu de uma percepção simbólica recente. Um dos maiores sambistas da história do Rio de Janeiro, Ismael Silva, criador da agremiação “Deixa Falar” — que mais tarde se tornaria a GRES Estácio de Sá —, afirmou, conforme relata Sérgio Cabral em sua obra, que a origem do nome está ligada à localização da primeira agremiação nas imediações de uma Escola Normal, dedicada à formação de professores. Como conta o autor:

Fui eu. É capaz de você encontrar quem diga o contrário. Mas fui eu, por causa da escola normal que havia no Estácio. A gente falava assim: “É daqui que saem os professores”. Havia aquela disputa com Mangueira, Osvaldo Cruz, Salgueiro, cada um querendo ser melhor. E o pessoal do Estácio dizia: “Deixa Falar, é daqui que saem os professores”. Daí é que veio a ideia de dar o nome de Escola de Samba (Cabral, 1974, p. 241).

Essa afirmação reforça não apenas o sentido pedagógico das escolas de samba, mas também seu papel como espaços formadores de saberes, memórias e culturas — uma educação dos corpos e das ruas, transmitida por meio do canto, da dança, da batucada e da convivência coletiva. No contexto do surgimento dessas agremiações, formadas nas camadas populares, a influência da estrutura escolar estava presente, mas não de maneira formal. De acordo com Santos (2016) situamos a escola de samba num local especial, identificando-a como uma instituição de educação com diversas práticas educativas, sendo estas não-formais de ensino e atuando na transmissão de conhecimentos populares.

Diante disso, antes de uma análise mais aprofundada sobre as identidades rítmicas das baterias das escolas de samba, pensamos ser importante compreender a complexidade das próprias agremiações e de seus atores, indivíduos e grupos que constituem uma amálgama cultural que extrapola o calendário do carnaval. Para tanto, elaboramos a sequência explicativa a seguir:

- Em primeiro lugar, consideremos os sambistas (cantores, compositores, dançarinos ou ritmistas), ou seja, aqueles que participam, de forma ativa, de um processo criativo tradicional que envolve memória e coletividade.
- Por outro lado, no interior das escolas de samba, há uma divisão funcional que se expressa por meio de grupamentos tradicionais e alas tipificadas, organizadas para estruturar o

¹ *Comunidade* é o termo nativo, ou seja, a palavra da língua natural dos grupos sociais associados às escolas de samba, que diz respeito ao agregado de pessoas, organizadas sob forma coletivizada, que participa cotidianamente da produção social da agremiação.

desfile e reforçar o sentido comunitário da agremiação. Uma das principais referências dessa organização tradicional é a Velha Guarda, que representa o elo com o legado histórico da escola. A própria expressão “guarda” evoca a ideia de cuidar e preservar as tradições locais, sendo comum que esses integrantes, reconhecidos como guardiões da memória, sejam responsáveis pelo encerramento dos desfiles.

- Outro importante ator consiste na ala dos compositores e intérpretes, que define o tom melódico e as características sonoras do samba-enredo de cada escola. É frequente que algumas agremiações apresentem sambas com andamentos mais lentos, respeitando as particularidades estilísticas que as identificam ao longo do tempo. Essa coerência musical reforça os marcadores de identidade, tanto interna (para os membros da comunidade) quanto externa (para o público e os jurados), consolidando a sonoridade como expressão territorial e afetiva.

3. AS GEOGRAFIAS DAS BATERIAS DE ESCOLA DE SAMBA: UMA RELAÇÃO COM A MÚSICA

A música se configura como ferramenta relevante para o desenvolvimento cognitivo dos alunos através de sua expressão como linguagem artística universal. Segundo Ferreira (2021), escutar uma música, um ritmo ou uma simples batucada pode se tornar um fenômeno capaz de gerar múltiplos sentimentos e despertar nas pessoas a sua imaginação, o prazer, memórias dentre tantas outras emoções.

O recurso da música pode ser tratado como um agente facilitador na construção de conceitos e no estabelecimento de conexões com a Geografia, sendo, no presente trabalho, entendido como um elemento capaz de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem. Assim, a utilização da música — em seus mais diversos ritmos — pode se constituir como um meio eficaz para o desenvolvimento de ações com dimensões lúdicas e reflexivas dentro desse processo. Como aponta Ferreira (2021) “A Música é um produto cultural e histórico-geográfico, pois através da mesma podemos compreender os conceitos contidos na geografia tais como: natureza, urbano, rural, etc.” (p.19).

Como uma forma de elucidar e complementar a nossa reflexão podemos pensar nessa relação com a Geografia a partir da abordagem do conceito de paisagem, fundamental para a ciência geográfica, que pode ser definido, de forma básica, como tudo aquilo que conseguimos ver. Nesse ponto, para além da explicação genérica, podemos interpretar esse conceito através dos outros sentidos, isto é, através dos aromas, sabores e dos sons que ajudam o aluno a compreender determinadas paisagens.

Nesse contexto, vemos que existe uma possibilidade de apresentar essas relações ao discente, afinal de contas, a bateria é um grupo percussivo que emite diferentes sons que acompanham uma música, no caso o samba de enredo, trazendo novos caminhos de propostas para o campo da Geografia. Diante desse cenário, considerando a importância da música nas relações de ensino-aprendizagem, entendemos que existem múltiplas relações vinculadas aos principais conceitos da Geografia a partir da análise das baterias de escolas de samba. No presente trabalho, a partir desse momento, vamos apresentar o funcionamento da orquestra do samba e explorar algumas diferenças que são pouco conhecidas ao público em geral, mas que podem servir como ferramentas de análise sobre a sua geograficidade.

A bateria das escolas de samba para muitos sambistas e espectadores é o “coração” da agremiação, ou seja, está sempre pulsando num compasso binário, sendo a primeira ala a pisar na avenida e a última a deixar o sambódromo. Essa orquestra é formada aproximadamente por

cerca de 280 a 300 pessoas em sua grande maioria por músicos amadores que fazem parte da comunidade. Diante desse contexto, é importante frisar que ao longo das décadas essa ala passou por diversas transformações. Segundo Gonçalves e Costa (2012) os primeiros instrumentos na bateria eram pandeiros, tamborins, cuícas e latas de manteigas. Estas últimas tiveram a inserção de couro animal e assim surgiu o surdo, utilizado como marcação do compasso.

Atualmente, apenas as cuícas e os surdos ainda utilizam couro animal nas baterias, outros instrumentos utilizam peles sintéticas de nylon que possuem um custo de manutenção menor e são mais duradouras. O primeiro elemento interessante e que envolve um fator geográfico é a sua organização espacial, as baterias apresentam setores criados dentro de uma lógica musical. Instrumentos agudos como as cuícas, tamborins, chocalhos e agogôs se localizam na parte frontal da orquestra, os instrumentos médios, como as caixas e repiques, responsáveis pela sustentação rítmica, se espalham pelos setores centrais misturados com alguns instrumentos graves, que ditam a marcação e se localizam nas pontas.

Conforme observado na obra de Gonçalves e Costa (2012), o ponto interessante acerca dessas relações identitárias é que existe uma denominação coloquial da bateria que são os responsáveis pela “cozinha”, uma espécie de ala dentro da própria bateria formada pelos ritmistas que executam os toques em instrumentos graves e médios considerados pelos experientes como aqueles de maior responsabilidade rítmica. Geralmente em pontos específicos desse arranjo espacial alguns ritmistas de destaque e com grande relação identitária com a ala executam seus toques no corredor próximo aos diretores, que replicam os sinais feitos pelos Mestres das Baterias. Portanto, apresentar esses detalhes evidenciados no texto, é importante para destacar as distintas identidades das baterias espalhadas pelo Rio de Janeiro.

3.1 Caráter identitário das baterias de escola de samba

Para estabelecermos um debate sobre as diferenças identitárias expressas no universo das escolas de samba, é necessário apresentar uma definição do termo batuque. Segundo Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2024), o batuque pode ser compreendido como o ato ou efeito de batucar ou, ainda, como a canção que acompanha esse gesto. De origem africana, o termo carrega influências diversas e significados amplos que se associam a diversas dimensões daquilo que se reconhece como identidade.

Nas baterias das diferentes escolas de samba, ouvimos batucadas singulares, que traduzem o legado de distintos grupos sociais e evidenciam a forte presença da afro-brasilidade em nosso território. Os tambores, os surdos, as caixas, os agogôs e tantos outros instrumentos são capazes de expressar, muitas vezes, aquilo que as palavras não conseguem traduzir. Eles narram experiências, evocam ancestralidades e fortalecem vínculos com a cultura de matriz africana.

No campo da identidade, podemos observar que cada agremiação apresenta toques e levadas próprios, muitas vezes perceptíveis nas caixas de guerra, foco da proposta presente neste trabalho. Esses toques não são apenas variações musicais: constituem marcas simbólicas, representações territoriais e elementos fundamentais da identidade cultural de cada escola (Lopes; Simas, 2024).

Como destaca o historiador Luiz Antônio Simas, em sua obra *O Corpo Encantado das Ruas*, essa sonoridade está profundamente vinculada às tradições religiosas de matriz africana, como ele mesmo afirma “O toque das caixas, na maioria das vezes, identifica as orquestras de percussão das agremiações e em vários casos fundamenta-se na batida dos Deuses. O toque de Oxóssi (o aguerê) marca a bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel” (Simas, 2019,

p. 30).

Tomamos como exemplo o tarol da Unidos de Vila Isabel, ilustrado na Figura 1, um instrumento fino, de som agudo, responsável pelo toque de “swing” da bateria. Esse instrumento está presente também nos Acadêmicos do Salgueiro. Nas duas escolas referidas esse instrumento é o símbolo da identidade rítmica da bateria, contudo, os toques executados são diferentes. Assim como o instrumento Agogô (ilustrado na Figura 2), clássico nos subúrbios cariocas, e seus diferentes desenhos rítmicos que modifica de acordo com a bateria nele inserida.

Figura 1 – O autor executando o toque do Tarol, instrumento identitário da Unidos de Vila Isabel.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Eduardo Hollanda

Figura 2 – Agogôs de quatro bocas, instrumento identitário de boa parte das baterias de escola de samba do Subúrbio Carioca.



Fonte: Agência O Globo.

Apesar do crescente processo de espetacularização do Carnaval, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo — marcado pela padronização dos desfiles e pela valorização de aspectos técnicos e avaliativos — ainda é possível perceber que as características

locais de cada escola de samba resistem e se fazem presentes. Quer dizer, as diferentes sonoridades e batucadas vão além de meras referências históricas, são expressões de experiências corporais e afetivas, que carregam marcas do território, da ancestralidade e das vivências coletivas. Por isso, pensamos que esses elementos devem colaborar para a compreensão a respeito da dimensão simbólica e sensível associada ao conceito geográfico de lugar, que de acordo com Souza (2013) caracteriza-se por uma qualidade de espaço que é percebida e vivida pelos sujeitos e grupos sociais, e, por isso, dotado de significados (com base no qual desenvolvem-se e extraem-se os “sentidos de lugar” e as “imagens de lugar”).

Nesse sentido, o lugar se manifesta não apenas como um recorte espacial, mas como uma dimensão vivida, sentida e compartilhada — o espaço onde se entrelaçam memória, identidade, afetos e práticas cotidianas (Souza, 2013). O som das baterias, os corpos em movimento e os rituais que envolvem os desfiles são formas de habitar esse lugar, de significá-lo e de reafirmar sua importância diante da homogeneização cultural promovida pelo espetáculo midiático.

4. PROPOSTA PEDAGÓGICA

É possível abordarmos geograficamente uma gama quase infinita de questões, temas, objetos, fenômenos e processos associados à cultura musical e festiva brasileira. A escolha por nos aproximarmos do samba e do carnaval a partir do recorte específico das baterias das escolas de samba se justifica, como já mencionamos, pelo contato direto do autor com essa manifestação cultural, sendo ele ritmista e integrante de diferentes agremiações ao longo de sua trajetória no Carnaval.

Ao observar o desfile de uma escola de samba durante os dias de Carnaval, ou mesmo em um ensaio de rua, não parece simples acessar, de forma imediata, toda a complexidade que ali se apresenta. A cultura carnavalesca possui uma dimensão espacial que se expressa por meio das manifestações de seus diversos grupos — como é o caso das baterias — que se reúnem e se realizam em espaços carregados de ancestralidade.

Então, diante de um cenário educacional em que se faz necessário a utilização de manifestações culturais a partir de possibilidades pedagógicas, desenvolvemos uma proposta voltada ao primeiro ano do Ensino Médio na qual, inicialmente, mobilizamos uma brevíssima história do pensamento geográfico, com destaque para as diferentes abordagens da Geografia, com especial atenção à Geografia Cultural e sua leitura contemporânea.

Neste primeiro momento, trabalharemos alguns conceitos-chave que são considerados fundamentais para a compreensão da temática. Ao vinculá-los às baterias das escolas de samba, destacamos, inicialmente, o conceito de território. De modo geral, em sala de aula, apresentamos o território a partir da concepção de Souza (2013) como uma porção do espaço delimitada por — e a partir de — relações de poder.

Nesse sentido, Rogério Haesbaert (2007) aponta duas dimensões desse conceito: uma dimensão funcional, associada ao status de poder/domínio, e uma dimensão simbólica, determinada pelas ações de determinados grupos sociais sobre o espaço no qual se reproduzem socialmente.

Quando analisamos uma bateria de escola de samba, é possível identificar a presença dessas duas dimensões. Sob o ponto de vista funcional, os atores que fiscalizam o território da bateria — como diretores e mestres — são aqueles que, por meio das relações de identidade e da performance musical dentro da agremiação, atingiram determinado *status*. São eles que definem se um integrante pode ou não compor aquele grupo percussivo, por meio de práticas específicas de controle. Paralelamente, essas manifestações também evidenciam relações de

ordem simbólica: o ritmista que não executa corretamente o toque identitário da agremiação, por exemplo, pode ser retirado da ala. Todo território, por mais funcional que seja, carrega uma carga simbólica.

Quando refletimos sobre a territorialidade das escolas de samba, percebemos que esse conceito assume um valor singular, vinculado à identidade e às regras específicas estabelecidas no interior do grupo percussivo. A execução correta do toque identitário, a forma de segurar os instrumentos e o respeito à hierarquia de tempo e vínculo são exemplos concretos desse princípio imposto à bateria.

Nesse sentido, também é possível estabelecer uma relação direta com a noção de lugar. Ora, é evidente que o sentimento de pertencimento e de afeto permeia o regramento dessas alas. Afinal, como discute Rogério Haesbaert (2007), toda territorialidade tende a se manifestar e se materializar no lugar, entendido como um recorte que expressa dimensões culturais, políticas, econômicas e sociais — um *locus* marcado pela desordem e pela complexidade das relações.

Outro conceito importante é o de paisagem, tradicionalmente associado à percepção visual — ou sensorial, em uma acepção mais ampla — do espaço (Souza, 2013). Contudo, nesta proposta, sugerimos uma abordagem ampliada, considerando as paisagens sonoras das baterias como elementos de leitura geográfica.

A paisagem sonora corresponde a um recorte dos sons de um ambiente considerado como campo ou objeto de estudo. O conceito pode ser aplicado tanto a ambientes reais quanto a composições abstratas, desde que considerados como ambientes acústicos. Em outras palavras, como sintetiza Renato Frias (2020), a paisagem sonora consiste na associação de eventos sonoros — sons localizados no tempo e no espaço, com uma fonte específica — que compõem uma ambiência perceptível e significativa.

Em sua tese de doutorado, Frias (2020) também destaca que ouvir um lugar implica captar a organização espacial específica do som e a forma como as pessoas interagem nesse espaço, sendo o som tanto expressão quanto manifestação dos modos de vida.

A partir da escuta das “bossas” — convenções rítmicas que marcam determinados momentos do samba-enredo — é possível evocar memórias, experiências e identidades que constroem o espaço vivido. O conceito de lugar aparece aqui novamente como uma categoria transversal às demais apresentadas neste trabalho, oferecendo base para a discussão das paisagens sonoras que alimentam a geograficidade das baterias das escolas de samba.

Enfim, todo som (falas, ruídos, músicas, entre outros) e todo cheiro (perfumes, plantas, esgotos etc.) têm uma origem diretamente relacionada ao lugar e a uma paisagem. Nossas percepções e olhares são atravessados por nossas experiências e vivências em diferentes tipos de espaços. Dessa forma, a construção da música — ou, no nosso caso, do batuque — de um lugar proporciona o compartilhamento de vivências e memórias. Ao ouvirmos determinadas bossas, nome dado às convenções rítmicas criadas para uma música específica, podemos relembrar sambas antológicos que marcaram profundamente a identidade daquela agremiação.

Entendemos que essa explanação contribua em um movimento de apresentação de uma forma não convencional de enxergar a Geografia Escolar — especialmente as categorias-chave aqui tratadas — abrindo possibilidades para perceber novas “geografias” em diferentes espaços do cotidiano.

4.1 Sequência Didática

Para estruturar essa proposta, pensamos na realização de uma sequência didática que possa abarcar os conceitos geográficos voltados para a primeira série do Ensino Médio. Sobre o termo, aliás, partimos da definição de Antoni Zabala (1998), para quem a sequência didática

consiste não em um apenas, mas, sim, em um conjunto de atividades articuladas e organizadas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um fim e um princípio previamente conhecidos pelos docentes e discentes.

Partindo desta definição, estruturamos a sequência didática em associação com as competências e habilidades presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Nesse contexto, apresentamos o quadro e o passo a passo que consideramos importantes para o desenvolvimento da proposta didática.

Quadro 1: Sequência Didática

Público-alvo:	1ª Série do Ensino Médio
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentar as categorias de análise geográfica. ▪ Construir um debate sobre a presença da Geografia na cultura.
Habilidades Específicas:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. ▪ (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
Metodologia:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aula Expositiva ▪ Trabalho de campo
Recursos Necessários:	Quadro e Dispositivo Multimídia. (Som e Projetor)
Tempo Estimado:	4 aulas (50 minutos cada) + um turno (manhã ou tarde)

Fonte: O autor (2025).

A primeira aula (**Quadro 2**) dessa sequência tem uma duração prevista de dois tempos (100 minutos totais), nos quais (re)apresentaremos a Geografia, enquanto ciência, aos alunos. Em um primeiro momento, estabeleceremos um questionamento aos alunos acerca das suas percepções a respeito da ciência, o que pode acarretar respostas genéricas.

Em seguida, a proposta é apresentar os principais conceitos-chave que permeiam a Geografia, introduzindo primeiramente o conceito de paisagem, buscando evidenciá-la através das exemplificações como a execução de sons, com o apoio dos recursos multimídias, que possam remeter a determinados locais, como por exemplo, uma cachoeira ou um estádio de futebol. Para os demais conceitos que serão abordados, faremos uma explanação a partir de uma aula expositiva articulando a sua definição novamente com exemplificações a partir de leituras de poemas, trechos de músicas e utilização de imagens.

Quadro 2: Sequência Didática (Aula 1)

Aula 2: Categorias de Análise do Espaço

Duração: 2 tempos de 50 minutos

Recursos: Quadro + multimídia

Retomando os elementos essenciais da aula anterior, daremos ênfase à Geografia Cultural como uma corrente relevante para o desenvolvimento do nosso estudo.

Apresentaremos as principais categorias de análise da Geografia, explorando seus conceitos e aplicações. Iniciaremos pelo conceito de paisagem, destacando a percepção sensível associada a seu entendimento. Em seguida, abordaremos os conceitos de território, lugar, região e espaço geográfico.

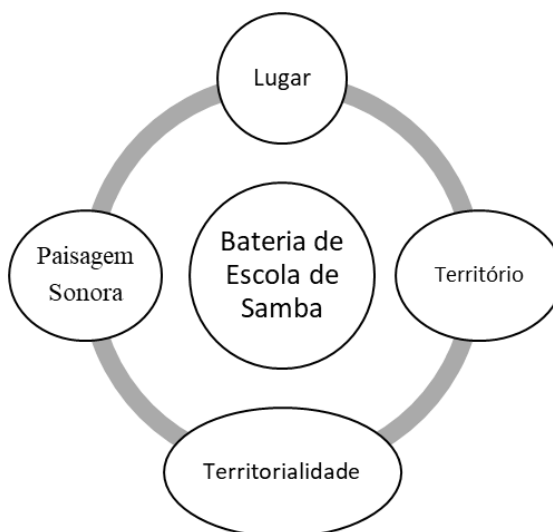
A exposição será feita de maneira dialogada, com o apoio do quadro e de recursos multimídia para exemplificação.

Fonte: O autor (2025).

Na aula 2 (**Quadro 3**) se faz necessária a retomada dos conceitos apresentados na aula anterior, utilizando exercícios ou questionamentos aos alunos. Para além disso, a proposta dessa aula é a preparação para o trabalho de campo, no qual a escola de samba a ser visitada já foi previamente estabelecida. Nesse contexto, utilizaremos os recursos multimídias apresentando a estrutura do carnaval aos alunos com ênfase nas baterias de escolas de samba. Caso o docente ou a unidade escolar possua algum instrumento (não é obrigatório) que seja utilizado em baterias de escolas de samba, pode apresentá-lo como forma de elucidar a proposta. Deve ser feita uma apresentação da estrutura do Carnaval (pode ser do Rio de Janeiro ou outra região do país) levando em consideração alguns pontos:

- Apresentar as Agremiações que compõem o grupo especial.
- Demonstrar o funcionamento do concurso de Carnaval de acordo com as regras atuais.
- Identificar junto aos alunos quais são os setores de uma escola de samba. (Harmonia, ala dos compositores, velha guarda, as baianas e a bateria) e sua localização no desfile.
- Aprofundar o estudo sobre as baterias das escolas de samba, apresentado os instrumentos e a quantidade que compõe o grupo percussivo. Após essa demonstração, os alunos devem ser convidados a produzir um mapa que organize espacialmente os instrumentos. Mesmo que não corresponda à estrutura correta, o objetivo é que compreendam a relação sonora/espacial entre os instrumentos.
- Analisar os toques identitários das baterias, utilizando os recursos de multimídia (sons de três baterias diferentes), solicitando aos alunos que identifiquem alguma distinção rítmica entre elas.
- Explicar a importância desses toques identitários e as geografias presentes nas baterias através da relação com os conceitos-chave conforme apresentado na figura 3.

Figura 3 - Esquema de relações de uma bateria de escola de samba com as categorias da Geografia.



Fonte: O autor (2025).

Quadro 3: Sequência Didática (O pré-trabalho de campo)

Aula 3: Pré-Trabalho de Campo – Introdução ao Mundo do Carnaval

Duração: 2 tempos de 50 minutos

Recursos: Multimídia

Após o estudo das categorias de análise, iniciaremos a preparação para o trabalho de campo, com foco na **escola de samba** e, principalmente, na **bateria** como manifestação cultural e expressão espacial.

(a) Apresentaremos aos estudantes o funcionamento de uma escola de samba, com destaque para o papel cultural e territorial da bateria.

(b) Mostraremos os diferentes instrumentos que compõem uma bateria.

(c) Em seguida, ouviremos trechos de três diferentes baterias (áudios disponíveis no canal *Batuque Digital*, no YouTube), e os alunos serão convidados a identificar diferenças sonoras entre elas.

Ainda que nem todos reconheçam essas diferenças, o mais importante será a **percepção da paisagem sonora** e sua articulação com os conceitos geográficos.

Atividade:

Os alunos deverão produzir um **mapa** organizando espacialmente os instrumentos de uma bateria de escola de samba, com base em seus conhecimentos prévios e nas informações apresentadas em aula.

Observação:

A escola de samba que será visitada no trabalho de campo já foi previamente selecionada, considerando aspectos logísticos como a proximidade da unidade escolar e condições adequadas para a atividade.

Esta aula se propõe a desenvolver o raciocínio geográfico dos alunos ao articular conceitos e habilidades adquiridos nas aulas anteriores, preparando-os de forma mais efetiva para a experiência do trabalho de campo.

Fonte: O autor (2025).

Para além do método tradicional baseado em aulas expositivas, compreendemos que o trabalho de campo constitui uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem, especialmente por permitir que o aluno exercite a observação, o registro e a interpretação das diversas perspectivas que a ciência geográfica pode oferecer.

Nesse sentido, a proposta aqui apresentada demanda uma abordagem prévia — como a que foi desenvolvida nesta sequência didática — sobre as categorias de análise da Geografia. Essa preparação prévia é essencial para que os alunos possam se apropriar conceitualmente dos elementos que observarão *in loco*. A escolha da escola de samba a ser visitada pode variar, devendo considerar, prioritariamente:

- A proximidade com a unidade escolar;
- A existência de estrutura adequada para visitas pedagógicas, como é o caso da Estação Primeira de Mangueira, que conta com o Museu do Samba em suas imediações.

Diante disso, uma vez escolhida a agremiação, é importante que alguns aspectos sejam trabalhados conjuntamente com os estudantes:

- Localização das quadras: geralmente situadas em áreas periféricas da malha urbana;
- Importância para a comunidade local: a quadra como espaço de sociabilidade, resistência e produção cultural;
- Funcionamento da bateria: compreendendo seu valor simbólico, estético e territorial.

Quadro 4: Sequência Didática (O trabalho de campo)

Aula 4: Proposta de Trabalho de Campo – Conhecendo uma bateria de escola de samba

Duração: um Turno (manhã ou tarde)

Roteiro do trabalho de campo

O roteiro da atividade consiste em:

1. **Visita à quadra da escola de samba;**
2. **Roda de conversa inicial**, em que o(a) professor(a) apresenta as características rítmicas e espaciais da bateria da escola, destacando seu papel cultural e simbólico;
3. **Oficina de percussão**, conduzida por um mestre de bateria, diretor ou ritmista, permitindo que os alunos tenham contato direto com os instrumentos;
4. **Roda de conversa com os integrantes da escola**, que compartilharão experiências, vivências e saberes relacionados ao universo do carnaval e à territorialidade das escolas de samba.

Ao final da atividade, os alunos deverão elaborar um **relatório individual**, no qual deverão identificar e analisar como os conceitos geográficos trabalhados em sala de aula (paisagem, território, lugar, região e espaço) puderam ser percebidos e vivenciados ao longo do trabalho de campo.

Fonte: O autor (2025).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho, consideramos ser possível repensar o papel da Geografia Escolar para além das metodologias tradicionais, ampliando seu campo de atuação e compreensão. A Geografia, enquanto disciplina responsável por debater as múltiplas dimensões do espaço, contribui de forma significativa para uma leitura mais aprofundada das manifestações culturais nos mais variados territórios e lugares.

Nesse sentido, propomos um novo olhar sobre as diversas possibilidades que a Geografia Escolar oferece — sobretudo quando tomamos como referência as expressões culturais presentes em nosso território e em nosso lugar. Ao refletirmos, por exemplo, sobre as baterias das escolas de samba, ou mesmo sobre outras manifestações populares, muitas vezes negligenciamos o potencial pedagógico que esses contextos carregam. No entanto, é justamente nesses espaços que se revela uma riqueza simbólica e social capaz de contribuir de maneira substantiva para o processo de ensino-aprendizagem e para a compreensão mais ampla do espaço geográfico.

A relação entre música e Geografia não é, de fato, inédita. Diversos estudos já abordaram o samba e outros ritmos brasileiros como ferramentas de análise espacial e sociocultural. Contudo, ao direcionarmos o olhar especificamente para as baterias das escolas de samba, buscamos apresentar uma proposta diferenciada, que dialogue com as categorias fundamentais da Geografia — como território, paisagem sonora e lugar — a partir de uma abordagem sensível e crítica.

Essa escolha visa não apenas ampliar o repertório metodológico da disciplina, mas também evidenciar que os espaços culturais são, antes de tudo, espaços de construção identitária e de grande relevância social. Reconhecemos, ainda, os desafios enfrentados pela educação no Brasil, como a precarização do magistério e o sucateamento das estruturas escolares. Apesar disso, acreditamos na importância de trazer à luz temáticas que resgatem o valor da cultura popular como instrumento pedagógico.

A valorização dessas práticas culturais em sala de aula fortalece o vínculo entre o aluno e seu território, ao mesmo tempo em que promove uma educação mais crítica, inclusiva e representativa da diversidade brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 07 dez. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL, J. F. **O uso do samba-enredo nas aulas de geografia: possibilidade de articulações curriculares**. 2021. 23f. Artigo Científico (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://petrus.cp2.g12.br/items/b7799cf3-3e54-4c56-9e86-d56b6df21db8>. Acesso em: 27 mar. 2025.

CABRAL, Sérgio. **As Escolas de samba do Rio de Janeiro**. 1ª Edição. ed. atual. Rio de Janeiro: Lazuli, 2016. 560 p.

CRUZ, J. M. O. O Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da Informação. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 29, n. 105, p. 1023-1042, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302008000400005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/MpXvz6fHYBdsXD864dZGBPH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2025.

FERREIRA, Manuel Nunes. **A Música como recurso didático na aula de Geografia**. 2012. 49f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Geografia) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Brasília, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7051/1/2012_ManuelNunesFerreira.pdf. Acesso em: 8 mar. 2025.

FRIAS, Renato Coimbra. **Arranjos espaciais e sistemas de som: um estudo sobre a feira e a sua paisagem sonora**. 2020. 149f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/16/teses/929037.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

GOMES, Júlio Cesar Batista. **A batucada vai à escola: ritmos e ensino de geografia**. 2020. 60f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Experimental de Ourinhos, Ourinhos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/8c66044b-1f48-4ed9-b683-f5282e5a683e/content>. Acesso em: 7 mar. 2025.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**. v. 9, n. 17, 8 fev. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 16 mar. 2025.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

SANTOS, Eduardo Silva dos. **Aprendendo com o samba: vivências educacionais de jovens sambistas**. 2016. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas E Sociais (CCH), Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.unirio.br/ppgd/ppgedu/1f4c2dissertacoes/1f4c2repositoriodedissertacoes/1f4c22016/dissertacao-ppgedu-eduardo-silva-dos-santos/view>. Acesso em: 8 mar. 2025.

SILVA, Giusepp Cassimiro da. **A Música nas Aulas de Geografia: uma proposta metodológica**. 2014. 28f. Monografia (Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21201/1/PDF%20%20Giussep%20Cassimiro%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2025.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

RODRIGUES, Hélio. **Marcelo de Paula, Diretor de Tarol, Bateria Furiosa**. Youtube, 29 de fevereiro de 2020. 4min41s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TE4NQF1tHaw>. Acesso em: 7 mar. 2024.

SITE APOTEOSE. **Bateria Vila Isabel - Batidas de caixa e tarol explicadas por mestre Macaco Branco**. Youtube, 29 de maio de 2018. 43min17s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ND5HCZAEto>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.